

Do jornalismo político a visibilidade literária: o panorama da imprensa piauiense no século XIX

Vinicius Ribeiro Cordão FERREIRA¹
Ana Regina Barros Leal RÊGO²

Resumo

Este artigo trata do jornalismo literário piauiense praticado entre o período que se estende de 1839 até o final do século XIX. Nosso objetivo principal é observar como ocorreu o processo de consolidação da cultura nas páginas da imprensa por meio da publicação da produção dos literatos. A pesquisa, em um primeiro momento, trata da passagem do jornalismo político panfletário para o jornalismo literário, abordando os entraves que retardaram a presença do conteúdo cultural no jornalismo. No segundo momento da pesquisa focamos nas características e no conceito que envolve a prática do jornalismo literário no século XIX. Utilizamos como metodologia uma análise descritiva da produção jornalística piauiense somada a consulta bibliográfica que nos possibilitou estabelecer o marco fundador do jornalismo literário no estado.

Palavras-chave: História do Jornalismo. Jornalismo Literário. Jornalismo Panfletário. Imprensa Piauiense.

Abstract

This paper treats about the Piauí literary journalism practiced by the period extending from 1839 to the late nineteenth century. Our main objective is to observe how the process of consolidating the culture takes place on the pages of the press through the publication of literary production. The research comes, at first passage, of the pamphleteer political journalism to literary journalism, addressing the barriers that have slowed the presence of cultural content in journalism. The second phase of the research was focused on the features and the concept that involves the practice of literary

¹ Graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pesquisador no NUJOC - Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação. E-mail: viniciusf.c@hotmail.com

² Doutora em Comunicação UMESS-UAB-BARCELONA. Coordenadora do NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação- DCS-CCE-UFPI. Professora do Curso de Jornalismo da UFPI e coordenadora do PPGCOM-PI. E-mail: ana.rani@uol.com.br

journalism in the nineteenth century. The methodology uses as a descriptive analysis of Piauí journalistic production added to bibliographic reference which enabled us to understand the beginning of the literary journalism in the state.

Key words: History of Journalism. Literary Journalism. Pamphleteer Journalism. Journalism Piauiense.

Introdução

Antes de iniciarmos nosso percurso histórico/teórico sobre o desenvolvimento do jornalismo literário piauiense e pertinente destacar que adotaremos ao longo desse trabalho, e como diretriz para essa pesquisa, uma visão dialógica entre o local e o nacional, pois, apesar de nosso foco de estudo ser o local suas práticas, instituições, valores, personagens e jogos de poder estas não estão desvinculadas de uma realidade nacional e global.

Pretendemos com a interseção da realidade piauiense com o quadro situacional das demais colônias do novo mundo, da Europa e da corte estabelecer pontes com o universo teórico, já firmado a priori, com o objetivo de formar o mosaico no qual está inserido nosso objeto, auxiliando assim, na sua própria compreensão.

Nosso foco por meio da narrativa historiográfica, seguindo pela trilha da história cultural, é também perceber que o jornalismo não é uma instituição com uma essência pura e cristalizada, mas o resultado de um longo processo de consolidação fruto da interação com as outras estruturas sociais.

Tendo definido nossa perspectiva voltamos então nossa atenção para as práticas sociais da imprensa com o objetivo de perceber como surgiu o jornalismo literário piauiense adotando como percurso histórico analítico a passagem do jornalismo político panfletário, em voga no início da nossa imprensa, para a o momento em que os literatos e suas produções começam a ocupar as páginas dos impressos, modificando a constituição do jornalismo.

No que concerne ao referencial metodológico utilizado no processo investigativo, vale destacar a pesquisa histórica descritiva realizada a partir de consulta bibliográfica de base documental, tendo como parâmetro dados existentes com o objetivo de possibilitar um novo olhar sobre o contexto histórico a ser analisado.

Adotamos como recorte temporal para o diagnóstico o período que se estende de 1839 até o final do século XIX, de modo que o corpus da pesquisa é composto por 46 jornais entre eles: *O Telégrafo*(1839), *O Analytico*(1849), *A Ordem*(1853-1854), *O Semanário*(1878), *O Liberal Piauiense*(1846), *O Governista*(1847), *O Echo Liberal*(1849-1851), *O Expectro*(1849), *O Argos Piauienses*(1851), *O Conciliador Piauiense*(1857), *O Propagador*(1858), *O Abolicionista*(1884), *O Amigo do Povo*(1868-1869), *Oitenta e Nove*(1874), *O Recreio Literário*(1851), *O Papyro*(1872), *Sensitiva*(1883), *O Cosmopolita*(1886).

1 A passagem do jornalismo político panfletário para o literário

A relação entre a imprensa e o Brasil ocorreu de modo desacelerado e tardio no que concerne a sua implementação, difusão e segmentação em relação às dinâmicas ocorridas nas demais colônias americanas e de sobre maneira a conjuntura europeia.

O período entre o início da ocupação territorial da colônia portuguesa e a data de introdução da imprensa é o mais longo entre as novas terras, foram 276 anos até iniciarem a circulação do *Correio Brasiliense* e da *Gazeta do Rio de Janeiro* no início do século XIX,

Portugal não estava inserido, com a mesma pungência, no processo de modernização a qual vivia a sociedade europeia, logo os imigrantes lusitanos que aqui chegavam não possuíam também essa cultura de produção e consumo de informação e bens simbólicos.

A realidade da colônia, por vez, que não possuía instituições de ensino superior, nem bibliotecas públicas e que tinha na circulação ilegal de livros e periódicos vindos de outros países a principal fonte de contato com a “cultural civilizada” também não se demonstrava propícia para o início da prática da imprensa. Não existia no Brasil uma mentalidade estética da escrita cristalizada, que necessitasse da tipografia e seus produtos.

Só teremos então, com a chegada da família real em 1808 o início da imprensa e da cultura da impressão em solo brasileiro. *O Correio Braziliense* de Hipólito José da Costa, lançado em junho, seguido pela *Gazeta do Rio de Janeiro*, que começava a

circular em 10 de setembro, produzida pela Imprensa Régia, são os responsáveis por inaugurarem a produção periódica nacional e instituírem a divisão que para alguns autores se mantém durante os primeiros anos de nossa imprensa entre jornais, marcados por um caráter não oficioso, e gazetas, de caráter oficial.

O surgimento dos primeiros jornais na corte não representa, entretanto a real existência da imprensa em todo o território, a distribuição dos jornais era precária devido às formas de transporte existente no período e a instalação de prelos nas províncias demorou a se concretizar. Até a proclamação da Independência só havia no país treze oficinas distribuídas entre as províncias da Bahia, Recife, Maranhão, Pará, Vila Rica e Rio de Janeiro, segundo Rizzini (1968, p.186).

Nas demais províncias, a tipografia foi ingressando na medida em que se intensificavam as disputas políticas partidárias e as dinâmicas do campo político se complexificavam, de forma que no Piauí, somente 24 anos após o lançamento do *Correio Brasiliense*, é lançado na então capital do estado, Oeiras, o jornal *O Piauiense* editado pela *Tipografia de Silveira & Cia.*

Os primeiros jornais do estado, *O Piauiense* (1832), *O Diário do Conselho Geral* (1833), *O Correio da Assembléia Legislativa* (1835) e o *Telegrafo* (1839), assim como alguns dos primeiros jornais brasileiros, como a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), eram de caráter oficial, sendo assim, rotulados de áulico ou chapa branca por apresentarem como principal objetivo a manutenção de uma opinião pública favorável às ações do governo.

A cultura nessa linha editorial não recebe destaque como podemos perceber em *O Telegrafo*, impreso pela tipografia saquarema, onde os desdobramentos políticos relacionados a Balaiada eram a temática predominante.

O caráter oficial da imprensa não ocorria somente em âmbito nacional e local, era também uma prática comum nas colônias espanholas, que entre os 19 países hispano-americanos 16 tiveram os seus primeiros órgãos jornalísticos graças a iniciativas governamentais, segundo Melo (2003, p.82):

Predominantemente, as iniciativas de criação de jornais decorrem de atos das autoridades governamentais seja para divulgar os fatos de interesse da Coroa, como destacamos acima, seja para defendê-lo da rebelião emancipacionistas, em marcha.

A imprensa nesse período apresenta uma função social distinta da contemporânea. Ela era vista pelos governantes como uma ferramenta propagandista de seus interesses e valores sem nenhum caráter social ou até mesmo informativo, no sentido de apresentar realidades e ajudar na formação intelectual do seu leitor.

Somente após a queda do Visconde da Parnaíba³ teremos no Piauí o primeiro jornal de cunho político e doutrinário com a publicação de *O Liberal Piauiense* (1845). A imprensa local segue então majoritariamente por uma linha de formação ideológico militante, onde os jornais eram os porta vozes dos seus partidos, podendo ser divididos claramente entre Liberais e Conservadores.

A partir da publicação de *O Liberal Piauiense*, por Lívio Lopes Castello Branco, a imprensa local torna-se o palco das disputas políticas travadas entre os liberais e conservadores de modo que para Rêgo (2001, p.78) a imprensa piauiense no século XIX, com exceção da participação de David Caldas, é marcada por um “panfletismo agressivo (...) No geral, não há um *dialogar* com as instituições construídas, mas sim, *um apedrejar* seus dirigentes, como se estes fossem inimigos políticos”.

Mesmo com o final do jornalismo puramente áulico e o início dos jornais doutrinários as representações culturais não tem vez frente ao forte discurso de ódio que se instaurava em jornais como o *Analytico*, publicado uma ou duas vezes por semana a partir do ano de 1849.

O jornalismo piauiense durante toda a década de 1840 apresenta as tramas políticas como temática homogênea. O que diferenciava os jornais eram suas filiações partidárias e a linguagem utilizada indo de um tom mais moderado como em *O Governista* e o *Echo Liberal* para um vocabulário de ataque mais chulo como o de *O Espectro*, a cultura por vez não é significativa quantitativamente e quando ocorre é por

³ A política piauiense ficou por mais de 20 anos sobre o controle de Manuel de Sousa Martins, conhecido como Visconde da Parnaíba, de forma que somente com o estopim da Balaiada no Maranhão e no Piauí, a inconformação com o líder ganha visibilidade e permite o surgimento de outras forças políticas que se dividem entre a família dos Sousa Martins, que fundariam o Partido Saquarema ou Partido Conservador, e as demais famílias da elite do estado que se uniriam no Partido Urubu ou Partido Carrapato. Entretanto a diferença entre partidos limitava-se a uma disputa por poder, ambos eram formados pela elite do estado e defendiam os seus próprios interesses, não havendo grandes divergências com relação a propostas e ideologias como aponta Rêgo (2001).

meio da publicação de poemas.

O panorama da mídia local não se distancia da conjuntura nacional do início do século XIX, sobretudo durante o período regencial, onde há uma verdadeira guerra dos jornalistas repleta de insultos e desqualificações. Sobre essa fase da imprensa nacional Barbosa (2010, p.49) salienta que “esses periódicos efêmeros ou duradouros encenam suas batalhas verbais numa espécie de palco, no qual personagens situados em campos opostos se movimentam. O Jornalismo se transforma num teatro performático”.

Os temas políticos que estavam sempre envolvidos pela lógica do conflito e por uma estrutura narrativa com tom eloquente que se assemelhava a estrutura da oratória das tribunas, repletas de insultos, blasfêmias e polêmicas deixa evidente para Pina (2002, p.43) que a “manutenção de marcas de oralidade nos textos impressos foi uma necessidade: era preciso deixa-los próximos à realidade cotidiana”.

Dessa forma, a oralidade, a teatralidade do pensamento, poderia ser vista, no mínimo, tanto como uma estratégia de formação de receptores para a literatura, quanto como um elemento de diluição reflexiva (PINA, 2002, p.43)

Essa estratégia, no entanto não é única da realidade brasileira, Chartier (2004) ao estudar a produção dos textos da Europa Ocidental entre os séculos XVI e XVII nota que as temáticas que fogem a uma ideia presumida de moralidade aparecem sistematicamente na imprensa, creditando essa prática a estratégia utilizada para atrair o leitor. O autor aponta, porém que paralelo ao desenvolvimento das publicações de teor panfletário também surge e ganha paulatinamente projeção o segmento de publicações com teor lúdico literário.

Ribeiro (2004, p.160) ao analisar a institucionalização da imprensa no Brasil atesta que as manifestações artísticas estiveram presentes no jornalismo desde suas primeiras publicações, mas que, no entanto a imprensa nesse primeiro momento servia apenas como forma de circulação, para a autora somente a partir de 1830 teremos a emergência de um jornalismo literário especializado.

É perceptível, já a partir da década de 1830, uma tendência no sentido de especialização discursiva destes conhecimentos e, portanto, da diferenciação de fronteiras, o que inclui seus objetos, paradigmas, produtores e público-alvo.

Para Sodré, por vez, a predominância do jornalismo de cunho panfletário faz com que a cultura não tenha espaço nas páginas dos periódicos, “não havia, então, nos jornais, espaço para as letras. Estas ficavam relegadas às revistas e jornais especializados, apenas literários, e de vida efêmera quase sempre. Assim, a imprensa política era uma, a imprensa literária era outra” (SODRÉ, 2011, p. 276).

Porém com a instauração do Ministério da Conciliação⁴, em 1853, o jornalismo nacional toma novas feições que estão diretamente relacionadas com o surgimento e desenvolvimento do jornalismo cultural, pois graças à estabilidade política estabelecida entre conservadores e liberais o jornalismo eminentemente partidário começa a perder forças e os literatos começam a ocupar cada vez mais com suas produções as páginas dos impressos.

Enquanto Sodré (2011, p. 278) descreve um panorama nacional onde já "nos fins da primeira metade do século XIX, os pasquins haviam desaparecido, praticamente os casos isolados eram insólitos”, Rêgo (2001, p. 78) atesta que no Piauí “mesmo na relativa paz do Segundo Reinado, a imprensa piauiense não vivencie uma trégua, mudando o caráter panfletário para uma discursividade mais profunda acerca dos problemas estruturais da Província ou da nação, como ocorre na Corte”.

As práticas da imprensa local sofrem influência direta dos processos de produção da corte e suas respectivas mudanças civilizadas, pois o Rio de Janeiro era visto pelos intelectuais locais como o modelo de progresso nacional que devia ser seguido porém as mudanças ocorrem com uma diferença de temporalidade decorrente das discrepâncias socioeconômicas, que em suma são a base do que possibilita as transformações.

Se era possível encontrar produções literárias desde os primeiros jornais produzidos no Rio de Janeiro, mesmo entre aqueles que apresentavam caráter oficial, na realidade piauiense encontramos um quadro dispare, somente a partir de 1840 iremos

⁴ Com o intuito de trazer paz para o seu governo D. Pedro II instaura em 1853, por meio de Honório Hermeto Carneiro Leão o Marquês de Paraná, um acordo político entre liberais e conservadores para que ambos assumissem o controle do ministério e tomasse juntos as decisões políticas do país. “Com a pseudoconciliação, os Partidos Liberais e Conservador revezam-se no poder. As grandes cismas políticas e econômicas existentes no Período Regencial desaparecem. A conciliação faz surgir um novo sistema parlamentar, falseado. Os liberais terminam cedendo aos conservadores, que, por sua vez, tomam para si algumas idéias liberais e as implementam”(RÊGO, 2001, p.58).

encontrar os primeiros conteúdos de caráter cultural na nossa imprensa, prevalecendo ainda às poesias frente às outras estruturas literárias.

Na década seguinte, por vez, é lançado ainda em Oeiras na Tipografia Liberal, o jornal que consideramos o marco do início das publicações especializadas voltadas para cultura, creditamos esse mérito ao *Recreio Literário* por o jornal apresentar um posicionamento editorial que enaltece a cultura frente à política assim como por sua representação de ideário cultural que será seguida pelos demais periódicos.

O jornal *Recreio Literário* foi lançado, em 1851, por uma sociedade composta pelos diretores Dr. Jozé Servio Ferreira, Carlos de Souza Martins, Jozé Martins Pereira de Alencastre e pelos colaboradores Jozé Joaquim Avellino, Antonio João Baptista Ferreira, Dr. Canuto Jozé da Silva Lobo, Octavio Jozé d' Amorim, Pe. João de Souza Martins, Joaquim de Lima e Costa, Jozé Pereira Nunes, Fernando da Costa Freire e Tibério Cezar Burlamaque. Em seu editorial assinado por J. M. Pereira de Alencastre já percebemos o caráter cultural que o jornal vai adotar assim como seu posicionamento político.

Será o nosso periódico puramente literário, e algumas vezes científico: mas de modo a não enfasiar ao leitor (...) Não queremos dizer com isso, que todos nós não temos nossas convicções não: cada um de nós tem seus pensamentos políticos, suas crenças... Sentimos, porém, que não sejamos todos nós concordes em certo modo de pensar... não seremos por isso inimigos, não, que seria isso a maior loucura, a mais lamentável fatalidade (ALENCASTRE, 1851, p.3).

Percebemos no jornal *Recreio Literário* uma forte influência do pensamento iluminista⁵ francês, uma das marcas discursivas que evidenciam essa proximidade é a citação do filósofo De Tracy⁶ na capa de apresentação do jornal que traz os dizeres “*Les*

⁵ O Iluminismo foi um movimento cultural e filosófico Europeu que agiu como porta-voz da burguesia revolucionária da Europa do século XVIII, eles tinham como o objetivo mudar toda a estrutura social por meio da razão em detrimento da superstição religiosa, “sonhavam com um futuro no qual se teria em apreço a dignidade de homens e mulheres, como criaturas capazes de sobreviver sem ópio nem ilusão (...) por meio da educação. Assim que as leis da consciência humana se desnudassem ao exame científico, essa consciência poderia ser transformada, na direção da felicidade humana, por um projeto pedagógico sistemático” (EAGLETON, 1997, p. 67)

⁶ De Tracy (1754-1836) foi um “aristocrata de nascimento, desertou de sua própria classe para tornar-se um dos mais combativos representantes da burguesia revolucionária francesa”(EAGLETON,1997, p.67). No que concerne a sua relação com o campo cultural para Sodré(2005) o discípulo do filósofo sensualista Etienne Condillac e criador do conceito inicial de ideologia segue a razão como guia fundante do seu pensamento, de forma que para o autor a cultura é vista como sinônimo de civilização e tem como função fazer o indivíduo progredir.

Journaux sont devenus un besoin de tous le jours; et quand leus auteurs sont honnets et é-claires, les journeaux sont une force pour la liberté, et une autorité pour l'histoire”(DE TRACY *apud* RECREIO LITERÁRIO, 1851, p.1), logo para o periódico o jornalismo é uma ferramenta de uso diário necessário para a liberdade e para o desenvolvimento objetivando progresso.

Para o pensamento iluminista a cultura é compreendida como o todo que contribui positivamente para o engrandecimento do homem, por meio do acúmulo de gostos. Dessa forma as artes, as letras, o direito e a filosofia ganham destaque dentro da sociedade, sendo percebidas como práticas que pretendiam gerar o bem e a verdade. Esse sistema de pensamento leva a valorização do jornalismo como veículo de divulgação cultural e de transformação social assim como podemos perceber no editorial de Alencastre:

É inegável, que em alguns ponto do Brasil o jornalismo literário tem feito não pequenos progressos, e somos levados a confessar, que é nesses lugares onde a ignorância menos lavra pelas classes a que pouco recursos tem, para alcançar a merecida instrução. Negar, que uma parte desse progresso, ou aperfeiçoamento não é devida à benéfica influencia do jornalismo, vale o mesmo que despir o sol de seus resplendores, e a luz de sua ação benéfica (ALENCASTRE, 1851, p. 1).

O jornalismo passa, ainda que de modo gradativo, a tomar outras feições perante aos homens que estão a frente da imprensa e da própria sociedade piauiense, de forma que nos periódicos literários publicados no final do século XIX, como *Sensitiva* (1883) e *O Cosmopolita* (1886), encontram-se textos reflexivos apontando o papel do jornalismo como vetor de transformação social e formação intelectual das classes.

2 Jornalismo Literário no século XIX: conceito e características

Tendo sido definido o marco fundador do Jornalismo Literário no Piauí, e o itinerário histórico que levou ao seu surgimento, torna-se agora necessário definirmos o que consideramos como Jornalismo Literário, essa sub área de atuação que surgiu da interseção das práticas do Jornalismo com o campo da literatura.

A concepção brasileira de Jornalismo Literário mais difundida entre os pesquisadores, segundo MARTINEZ (2009, p.210), remete a fase da imprensa nacional que ocorreu entre o “século XIX/ XX, quando a profissão jornalística estava em

formação e parte do material jornalístico era feita por escritores”.

A pesquisadora Arnt (2001, p.8), aproxima-se da definição de jornalismo literário vinculado a uma fase da história da imprensa definido-o como “um estilo que se desenvolveu no século XIX e se caracterizou pela militância de escritores na imprensa e pela publicação de crônicas, contos e folhetins”

Adotaremos como perspectiva norteadora uma visão muito próxima da apresentada por Arnt (2001), vamos considerar nessa investigação o Jornalismo Literário como a publicização da produção dos literatos⁷ na mídia impressa. Como recorte temporal podemos delimitar, no Brasil, “o jornalismo literário, por questões de pragmatismo didático, entre o período inaugurado por Manuel Antônio de Almeida⁸, e as primeiras décadas do século XX, quando nasce o jornal/empresa e começa a diminuir a influência literária” (ARNT, 2001, p.14).

Percebemos no percurso realizado por Arnt (2001) para definir o que seria o jornalismo literário um destaque para a produção dos folhetins, por eles junto com a publicação de poemas serem o principal símbolo desse segmento da imprensa no século XIX. Os folhetins que haviam se tornado um fenômeno e se expandido por toda a Europa chegam ao Brasil primeiro por meio da tradução dos folhetins franceses e, depois, pela publicação de folhetins nacionais.

A imprensa nacional lança seu primeiro folhetim tipicamente nacional em 1852, o *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida no *Correio Mercantil* que passa a ser o reduto de vários intelectuais como José de Alencar, esse por vez, já como redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* lança em 1857 seu primeiro folhetim *Cinco Minutos* e em 1860 *A Viuvinha*.

Porém, somente em 1857 com a publicação de *Guarani* o formato ganha extraordinário interesse perante o público, consolidando assim uma relação intrínseca entre literatura e jornalismo, fazendo com que a produção cultural nacional não ficasse mais restrita a pequenos periódicos de cunho literário mas que entrasse em definitivo para a pauta dos jornais de grande circulação.

⁷ Consideramos com produção dos literatos, contos, poemas, folhetins, fábulas e a crônica.

⁸ É o autor responsável pelo folhetim “Memórias de um sargento de Milícia”, publicado entre 1852 e 1853, no jornal *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro.

O fenômeno romance-folhetim "folhetinesco" se estende a todos os jornais da corte. Ainda que não existam as necessárias pesquisas, de difícil execução dada a escassez de dados sobre tiragens e publicações, não faltam indícios da correlação entre a prosperidade do jornal e o folhetim (MEYER,1996, p.294)

Na imprensa piauiense não encontramos um consenso com relação ao primeiro folhetim de um autor local a ser publicado integralmente, pois enquanto Clodoaldo Freitas *apud* Rêgo (2009, p.5) relata que em 1885 João Alfredo de Freitas publicou alguns capítulos de um romance no jornal *Abolicionista*, Magalhães (1998, p.92) afirma que “foi o próprio Clodoaldo o primeiro autor piauiense a ter um romance integralmente publicado na imprensa local, fato ocorrido em 1905, com veiculação de *Memórias de um velho* pelo jornal *Pátria*”.

Em nossa consulta aos jornais piauienses da época encontramos, entretanto, em 1884 no jornal *Abolicionista* a publicação do folhetim *Três Botões de Rosa* dedicado ao literato Higino Cunha e de autoria de João Alfredo de Freitas, que assinava como J. F, já em seu capítulo IV. Segundo Adrião Neto (1995) este é o mesmo folhetim a qual Clodoaldo se refere em seus apontamentos bibliográficos como sendo lançado em 1885, essa descoberta antecipa a data da tentativa de publicação de um folhetim, por um autor local, na mídia.

Os escritores passam então cada vez mais a mudar para o jornalismo, pois, recorriam as páginas dos jornais para proporcionar visibilidade para a sua obra, assim como encontravam na imprensa uma das principais fontes de renda. O jornalismo por sua vez necessitava do escritor, pois a produção intelectual do país se restringia a um pequeno grupo de pessoas que dominavam a escrita, dentre o qual se destacam os literatos, assim como interessava ao jornalismo a ampliação de conteúdos nos jornais com o objetivo de atrair uma maior parcela do público, o que também era obtido por meio da participação dos literatos.

Olavo Bilac dirá que “o jornal é para todo escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor de se fazer ler. Machado Neto tem razão quando afirma que no Brasil as relações do intelectual com o seu público se iniciaram pelo *mass media*. Para o escritor o jornal desempenhava funções econômicas e sociais importantes; ele era fonte de renda e de prestígio. Devido à insuficiente institucionalização da esfera literária (ORTIZ, 2006 p.28).

A ruptura com a hegemonia do modelo de jornalismo político panfletário em vigor, começa a ocorrer gradativamente a partir da década de 1850, a exemplo do que ocorria em o *Semanário*. Pois apesar das temáticas políticas ainda serem o principal assunto, com o ataque por parte dos que estavam fora do poder e a defesa seguida da divulgação das decisões políticas de quem era situação, já era possível encontrar de maneira esporádica vozes de cunho cultural dentro dos periódicos.

O jornal político *O Propagador* é outro exemplo da mudança do perfil editorial pela qual passava nossa imprensa, lançado em 1858 o jornal tinha o objetivo de promover a boa convivência entre os partidos em prol do desenvolvimento da província.

Ainda na antiga capital, Oeiras, essas transformações eram perceptíveis, um exemplo é o jornal *O Argos Piauiense* que na edição do dia 25 de agosto de 1851 publicou dois poemas, o primeiro enaltecendo o partido liberal e outro em homenagem a Nunes Machado.

Colxeas

Lá no céu uma primazia
O partido Liberal
É real não fantasia
Que a Brasil a Liberdade
Sob a trina divindade
Lá nos céus tem primazia:
Inda que essa alta valia
Se opor e jogo infernal,
A facção saquaremal
Guerreia com são juízo,
Por ser justo e muito conciso
O Partido liberal (ARGOS PIAUIENSE, 1851, p.4)

Outro periódico, lançado em Oeiras, que merece destaque por sua contribuição ao campo cultural é o *Recreio Literário* por ser o primeiro jornal estritamente literário lançado no estado, produzindo ensaios sobre a produção cultural local, publicando poesias e novelas, como *Mademoiselle de Clermont* de Genlins traduzida para o português por J. J. Avelino publicada em 1 de maio de 1851 ocupando 3 páginas do jornal.

Com a mudança da capital para Teresina, em 1852, ocorre substancialmente a inclusão de temáticas culturais nos impressos, pois é com a transferência da sede

administrativa da província que ha a instauração do pensamento moderno em definitivo na mentalidade da elite local fazendo com que cultura passe a ser vista como um mecanismo necessário e representativo do mundo civilizado.

Desde o primeiro jornal da nova capital, a *Ordem*, impresso por Antônio da Costa Neves e redigido por José Martins Pereira de Alencastre, a produção cultural já se faz presente, na edição do dia 10 de abril de 1853 por exemplo foi publicado um soneto e a seção da "Chronica Quinzenal".

Outro periódico, lançado em Teresina, que pode ser tomado como representativo do processo de inserção da cultura na década de 50 do século XIX é o *Conciliador Piauiense*. O jornal foi impresso pelo editor Cândido Gaya Pessanha Junior, no ano de 1857 na Tipografia Independente, e assim como os demais periódicos de sua época era dominado pelo caráter político doutrinário travando um debate direto com o *Correio Phyuiense*, mas a política não representava a totalidade de seu conteúdo.

Durante suas primeiras edições a cultura é rarefeita existindo vultos pontuais como a poesia "Bello Sexo", publicada na edição nº13 do dia 10 de agosto de 1857, sem que no entanto o autor seja identificado. Somente a partir da edição nº 15 com a publicação no rodapé do folhetim "Assobio" as produções culturais começam a ganhar maior notoriedade no *Conciliador Piauiense*, ainda que esse processo ocorra de modo irregular e falho, o próprio folhetim não teve seu enredo finalizado.

Com o termino brusco na publicação do folhetim o periódico começa a trazer em cada edição a seção "Pacotilha", que era responsável por unir o romance com poesia em um espaço que ocupava habitualmente duas colunas da publicação, até que na edição nº 21 do dia 6 de novembro de 1857 o jornal interrompe a coluna alegando aos leitores a falta de tinta.

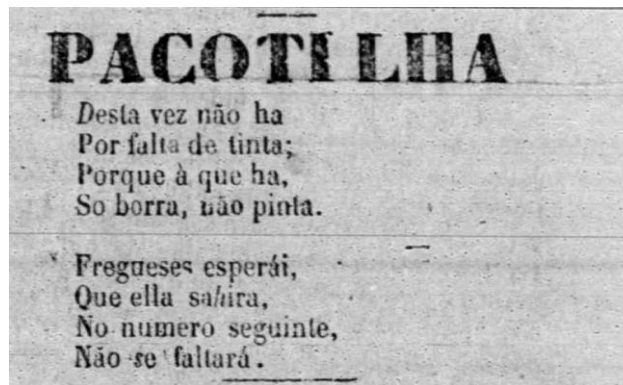


Figura 1: Seção Pacotilha do jornal Conciliador Piauiense (1857, p.4).
Fonte: Nujoc/ Arquivo Público.

Apesar da promessa dos redatores a "Pacotilha" não é publicada na edição nº 22, do dia 16 de novembro, em que a única produção cultural a ganhar visibilidade é o poema "Poesias do Soldado" de Cutia publicado na seção "Noticias e Fatos Diversos".

Com o fim da "Pacotilha" o jornal perde seu espaço fixo destinado a produção dos literatos, sua próxima edição com conteúdo cultural vai ser a de nº24 vinculada no dia 2 de dezembro de 1857, como suplemento da edição nº 23 do dia 26 de novembro.

A edição do suplemento lançado pelo *Conciliador Piauiense* utilizado para consulta encontra-se em avançado processo de deterioração, mas pelos fragmentos ainda existentes podemos afirmar que o suplemento em homenagem ao aniversário do imperador Don Pedro II é a edição com maior visibilidade cultural.

São publicadas dois poemas enaltecendo o dia 2 de dezembro de 1857, data de aniversário do imperador, o primeiro de autoria de Miguel Carvalho Branco com título hormônio da data onde se enaltece o governante "É dois de Dezembro! Um nome a resoar/ Que tanta magia na pátria gerou/ Nos climas remotos a fama que troa/ Este nome- Pedro!"(CONCILIADOR PIAUIENSE, 1857, p.2). O segundo poema, um soneto, de autoria do impressor do jornal não enaltece somente a figura do imperador mais também o sistema político a qual ele representa, a monarquia.

Soneto

Salve oh! dia imortal e venturoso
Aluir qual aurora radiante
No horizonte surges tão brilhante
Oh! 2 de Dezembro pretenso

Este dia festivo, majestoso.
Que o Brasil e termise tom constante
Tem primores que deixam vacilante

O Povo Brasileiro assas ditoso!

Prasenteiro-se exalta todo o mundo
Com a lembrança de tão excelso dia
Natalício de D. Pedro segundo!!

Festejamos também com ufania
Este dia de Gloria tão fecundo
E saudamos em fim a Monarquia! (CONCILIADOR PIAUIENSE, 1857, p.2)

O panorama da imprensa piauiense a partir da década de 1870 é promissor no que se refere a visibilidade cultural, além da circulação do *Oitenta e Nove*⁹ surgem diversos jornais literários que mesmo de vida efêmera contribuem para a esfera cultural local. O *Papyro* de redação de David Caldas é um deles, trazendo como epigrafe: "Periódico puramente literário".

As produções literárias vinculadas no jornal são de cunho Romântico, movimento em destaque no período, os poemas fazem menções a amores proibidos e ao desejo inalcançado do amado que por ser um cavaleiro honra seus princípios e jamais desrespeita a moça, mesmo que para isso seu amor nunca seja consumado, um exemplo é o poema de David Caldas publicado na capa da edição 7 de agosto de 1872.

O dever
Que fogo impuro me devora as veias,
que ardor é este que polui minha alma?...
melhor que a imagem do mundano gozo,
E ter na mente- da virtude a palma! ...

Bem alto fale a consciência minha;
bem alto o grito do dever resoe!
Em vez do gozo, que ligeiro passa,
Antes se diga um cavalheiro foi!...

Instintos brutos dominar não deve
Ao entre livre que se presa de homem!
Somente é nobre quem a si se vence,
Paixões clamando que o até consomem(PAPYRO, 1872, p.1).

Outra marca enunciativa presente na superfície textual do jornal que o associa ao Romantismo é a epigrafe de Victor Hugo, considerado um dos principais nomes do movimento na Europa, no poema "Vestida de Púrpura" do autor Lívio Dnuso. No poema

⁹ O *Oitenta e Nove* é um marco no jornalismo piauiense, não só por trazer o discurso declaradamente pro republicano e reivindicar melhorias sociais a parcelas menos favorecidas da sociedade como também por ser o responsável por dar continuidade as inovações no campo da cultural que David Caldas havia começado anos antes no *Amigo do Povo* com a publicação de resenhas e criticas culturais.

a mulher é comparada a rosa, bonita e ingênua, e o poeta por mais que sofra com os espinhos termina feliz só por ama-la.

Vestido Púrpura
Não sei o que tens, formosa,
Que és tão semelhante à rosa:
Assim deveras louça!...
- Tu és gentil, engraçada
Porém, de espinhos cercada
Até nisso, da rosa irmã!...

Tanto assim que me feriste,
Com um dito que proferiste
A mim que sei te adorar!...
Mas, pune o flor recendente
Borboleta que contente
Vá junto dela adejar?

De aéreas ninfas infindas,
As azas subtis, mui lindas,
Não sei a rosa gerir!...
Mas, dos teus lábios, formosa
Aquela frase espinhosa
O meu coração punziu (PAPYRO, 1872, p.2).

Não só os versos filiavam-se a escola romântica, a prosa também seguia os moldes da corrente a exemplo do texto de D. Zampieri publicado no *Papyro* em que o autor enaltece a infância e o seu passado como o lugar que recorre para encontrar a felicidade enquanto o presente é só amargura.

Já vivi de folguedos inocentes, na minha infância, já vivi de sonhos, em minha adolescência hoje posto que ainda na juventude, vivo de recordações tristonhas- filhas de amargos desenganos, que tão cedo me tirarão acerba a existência (PAPYRO, 1872, p.1)

Uma análise crítica do trecho acima, relacionando com seu contexto de produção, demonstra que o presente representa a modernidade e como suas transformações deslocaram o sujeito das suas certezas de felicidade, que se encontravam na simplicidade, para impor um outro padrão, em que para se feliz objetivos e estilos tem que ser alcançados, logo a felicidade torna-se não mais um estado permanente e sim uma incessante procura.

Considerações finais

Na inserção da cultura a produção dos literatos é fundamental, tanto por sua colaboração nos jornais, notadamente existindo uma tríade bacharel-literato-jornalista como atividade intelectual, como também por serem os jornais especializados em literatura que introduzem sistematicamente os assuntos culturais enquanto a “imprensa tradicional” majoritariamente se dedica a insultos políticos.

A noção de cultural vinculada nos periódicos, do final do século XIX, seguem claramente a tradição iluminista, onde a cultura é vista como uma forma de formar o homem e direcionar a civilidade. Podemos perceber ainda que alguns jornalistas, como Pereira de Alencastre, tomam a responsabilidade de levar para a população geral a cultura e com ele o progresso sempre valorizando a cultura local, através poemas, e a cultura Francesa, por meio da tradução de folhetins.

A cultura começa a ganhar as páginas dos impressos de maneira lenta e gradual, iniciando com a publicação de poemas, passando para a publicação de folhetins. É possível ainda perceber uma divisão entre os tipos de produções literárias mais contumazes presentes na imprensa local, enquanto nos jornais políticos prevalecem a publicação de folhetins e novelas temos no jornais literário a publicação de poemas em maior número.

Referências

ARNT, Hérís. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. E-papers Editora: Rio de Janeiro, 2001.

ALENCASTRE, Joze Martins Pereira. Lêde. *Recreio Literário*. Teresina, 1 maio 1851.p.1-3.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004

EAGLETON, Terry. *Do Iluminismo à Segunda Internacional*. In: Ideologia. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Bomtempo, 1997.

MAGALHÃES, Maria dos Socorro Rios. *Literatura Piauiense- Horizontes de leitura e*

crítica Literária (1900-1930), Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

MARTINEZ, Monica. *Jornalismo Literário: um gênero em expansão*. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: São Paulo, v.32, n.2, p.199-215, jull./dez., 2009.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implementação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003a.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ADRIÃO NETO. *Escritores Piauienses de Todos os Tempos: Dicionário biográfico*. Teresina:Halley. 1995

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e jornalismo no oitocentos brasileiro*. Ilhéus: Editus, 2002.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Literatura e Política-duas faces do Jornalismo Piauiense*. In: XXXII Intercom, 2009, Curitiba, Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2009.

_____. *Imprensa Piauiense: Atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001

RIBEIRO, Lavina Madeira. *Imprensa e Espaço Público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

RIZZINI, Carlos. *O Jornalismo antes da tipografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SÓDRE, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: Edipucrs, 2011.